

Caminhos compartilhados: Heleieth Saffioti entre luta feminista e produção acadêmica – Entrevista com Verônica Ferreira*

Raquel Lindôso** e Daniele Motta***

Resumo:

Nesta entrevista, Verônica Ferreira discorre sobre sua trajetória intelectual e militante e os encontros com o legado de Heleieth Saffioti, sobretudo os debates do patriarcado, o Nó das relações sociais de classe, gênero e raça e a perspectiva materialista. Ressalta-se o diálogo entre Heleieth Saffioti e a luta feminista no Brasil e na América Latina por meio da relação entre Saffioti e o SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia. Discute-se, também, a contribuição de Saffioti para pensar contextos e Nordeste.

Palavras-chave: Patriarcado; Nó (relações sociais de classe, gênero e raça); Perspectiva Materialista; SOS Corpo; Nordeste.

Shared Paths: Heleieth Saffioti between the Feminist Struggle and Academic Production. Interview with Verônica Ferreira

Abstract:

In this interview, Verônica Ferreira discusses her intellectual and activist trajectories and her encounters with the legacy of Heleieth Saffioti, especially the debates about patriarchy, the “knot” of social class, gender and race relations, and the materialist perspective. The dialogue between Heleieth Saffioti and the feminist struggle in Brazil and Latin America is emphasized

* Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atualmente é pesquisadora no SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, Recife-PE, Brasil. End. eletrônico: veronica@soscorpo.org.br
<http://orcid.org/0000-0002-0753-9223>

** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas-SP, Brasil. O doutoramento é realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001. End. eletrônico: raquel.lindoso@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-8657-3955>

*** Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (IFCH-Unicamp), Campinas-SP, Brasil. End. eletrônico: daniele_motta@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-7296-3688>

through the relationship between Saffioti and SOS Corpo – Feminist Institute for Democracy. Also discussed are Saffioti's contributions to thinking about contexts and the Northeast.

Keywords: patriarchy, knot (of social class, gender and race relations), materialist perspective, SOS Corpo, Northeast

O diálogo¹ com a intelectual e militante feminista Verônica Ferreira objetivou situar as contribuições do pensamento de Heleieth Saffioti no trânsito entre a academia e a luta feminista. Partindo da obra pioneira *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, Verônica Ferreira nos convida a olhar para o pensamento de Saffioti como uma contribuição materialista contextualizada no Sul global, algo inovador tanto para tradição marxista quanto para a teoria feminista.

A relação entre Heleieth Saffioti e o *SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia* indica que a autora estabeleceu um laço estreito e contínuo com a luta feminista no Brasil. Indica, também, que Saffioti alimentou algumas das discussões mais estruturais no movimento feminista brasileiro (aqui destacamos, em especial, as temáticas do trabalho e violência contra as mulheres), ao mesmo tempo em que foi alimentada pelas reflexões e disputas do movimento feminista.

Gostaríamos de agradecer à Verônica Ferreira pela disponibilidade em conversar conosco. Agradecemos, também, a oportunidade de aprender com a trajetória coletiva do *SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia*, que ocupa um lugar central na difusão e reivindicação do legado de Heleieth Saffioti.

Para iniciarmos, gostaríamos que você falasse sobre sua trajetória como pesquisadora e educadora social.

Eu integro o coletivo do *SOS Corpo*², atuo como pesquisadora e educadora, especialmente, nas questões do trabalho, divisão sexual do trabalho, Estado e política social, a partir da perspectiva da divisão sexual do trabalho e consubstancialidade. Também nas atividades de tradução das teóricas feministas que, para nós do *SOS Corpo*, são importantíssimas para nos fazer avançar na teoria e luta das mulheres.

Do ponto de vista da minha trajetória, eu sou militante feminista desde 1997. Aos dezessete anos, eu participei do primeiro grupo feminista, ainda em

¹ Durante a realização da entrevista, utilizamos gravador de voz e registro fotográfico. O termo de consentimento foi assinado em duas vias e deixamos cópias com a informante, conforme orientação do Comitê de Ética.

² O *SOS CORPO – Instituto Feminista para a Democracia* é uma organização da sociedade civil, fundada no início da década de 80, na cidade de Recife-PE. Possui três grandes áreas de atuação, que são: educação, pesquisa e comunicação, com uma forte atuação também na difusão da teoria feminista, por meio da tradução e publicação da produção feminista. Para mais informações, sugerimos acessar: <http://soscorpo.org/>

Fortaleza-CE, já que sou cearense. Fiz minha graduação em Serviço Social na Universidade Federal do Ceará (UFCE) e lá integrei um grupo de pesquisa sobre mulheres e divisão sexual do trabalho. Pesquisei as mulheres no trabalho em domicílio na produção de rede de dormir em Jaguaruana, minha cidade natal, conhecida como a “terra da rede”. E essa foi a minha primeira incursão pela questão do trabalho das mulheres e, desde então, é minha questão de vida, de estudo e de luta feminista.

Mudei-me para o Recife em 2003 para trabalhar no *SOS Corpo* e aqui, em Recife, milito no Fórum de Mulheres de Pernambuco e na Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB). E, também, nós do *SOS Corpo*, possuímos uma inserção no feminismo latino-americano e, especialmente, na constituição de uma rede latino-americana de pensamento e de ação política feminista, que é a Articulação Feminista MARCOSUR.

Nós gostaríamos de saber como foi o seu encontro com o feminismo e como as formulações de Saffioti influenciaram sua caminhada de pesquisa e militância.

É muito difícil separar trajetória individual e trajetória coletiva, porque a gente constrói as relações pelo *SOS Corpo* e pelo movimento feminista em que atuamos. A influência de Saffioti, na minha formação, vem desde a graduação. O Serviço Social é uma formação muito vinculada ao marxismo e, quando passo a integrar esse estudo, Saffioti é uma das teóricas a quem recorro. Eu lembro que me marcou muito o texto “Rearticulando gênero e classe social”³. E eu recuperei esse texto em minha tese de doutorado⁴, já que eu o considero uma obra prima até hoje. Ali Saffioti estava tratando dessa articulação, uma síntese do que ela tenta fazer em *A mulher na sociedade de classes*, que eu considero também um marco, e eu retomei também na minha tese, porque a Saffioti busca pensar a exploração do patriarcado na particularidade do capitalismo periférico. E isso é brilhante já naquele momento. O primeiro capítulo do livro⁵ é para mim um tratado sobre dialética e do método marxista, numa perspectiva feminista muito fortemente

³ O texto referenciado encontra-se disponível em: <https://marxismo21.org/heleieth-saffioti-marxismo-genero-e-feminismo/>. Neste mesmo endereço, estão reunidos os principais artigos e livros publicados por Heleieth Saffioti.

⁴ A tese de doutorado de Verônica Ferreira, *Apropriação do tempo de trabalho das mulheres nas políticas de saúde e reprodução social: uma análise de suas tendências*, defendida no programa de pós-graduação de Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), foi premiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no ano 2018 e encontra-se disponível no acervo da UFPE, podendo ser acessada pelo seguinte endereço: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/29595>

⁵ A primeira parte da obra *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade* foi denominada pela autora como Parte I – Mulher e capitalismo.

anunciada. Acho que são dimensões muito invisibilizadas da obra dela. Então, acompanha todo esse percurso. Na tese de doutorado recupero isso também.

Saffioti contribui para um vasto campo de reflexão e pesquisa, entre eles os estudos da formação social brasileira, sociologia do trabalho, estudos do gênero e violência. Em todos os campos de ação e pesquisa o Patriarcado é central. Qual a influência dessa elaboração “contra a maré” de Saffioti para a agenda de luta do SOS Corpo?

Existem três dimensões na obra da Saffioti das quais a gente tem afinidade, ou seja, faz parte da nossa perspectiva. O primeiro é o conceito de patriarcado numa perspectiva feminista. Entender o patriarcado como um sistema de longa duração histórica, que organiza as relações sociais de sexo/gênero e que se produz em articulação com o capitalismo e o racismo. Nós [*o SOS Corpo*] também fizemos parte dessa resistência para não perder o conceito de patriarcado, num momento em que ele foi muito abandonado. E tem uma alimentação de Saffioti para nós e, ao mesmo tempo, a gente também fez parte desse campo que não abriu mão desse conceito. O conceito de patriarcado não é substituível pelo conceito de gênero, mas houve o momento em que o patriarcado foi muito questionado. Recuperar isso numa perspectiva feminista e, nas dimensões que ela traz como sistema de longa duração histórico, é muito importante.

O segundo, também, no pensamento da Saffioti, é pensar que o patriarcado não é uma questão cultural ou de dominação. O patriarcado é também material, é da ordem do sistema material que está baseado na exploração. Essa noção considera muito fortemente a divisão do trabalho e, por isso, é uma dimensão importantíssima também. E eu lembro, por exemplo, nos anos 2000, a gente tinha um debate muito forte no campo dos estudos sobre violência contra a mulher e parte das elaborações da Maria Filomena Gregori⁶, que, naquele momento, questionava a ideia de vítima. Todo um debate inspirado por esse questionamento e, Saffioti, posicionou-se muito, já que naquele momento ela estava estudando a questão da violência. E dizendo que a violência é expressão de uma dominação patriarcal e que, inclusive, faz uma incursão sobre a dimensão simbólica. Saffioti

⁶ A pesquisadora Maria Filomena Gregori é professora livre-docente do Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); possui várias publicações relevantes no âmbito da teoria feminista e do gênero, das quais se destacam os trabalhos focados nos temas da sexualidade e violência. Nos anos 2000 (assim como hoje), as pesquisas no campo da violência contras as mulheres estavam informadas por diferentes interpretações, e as abordagens desenvolvidas pelas pesquisadoras Maria Filomena Gregori e Heleieth Saffioti ajudam na compressão dessas distintas leituras.

é uma das autoras que faz referências às materialistas, como, por exemplo, as elaborações de Nicole-Claude Mathieu⁷ com a noção de “*ceder não é consentir*”.

Esse momento foi muito forte porque a gente [*o SOS Corpo*] estava contribuindo com a formação sobre violência contra as mulheres para com as dirigentes de Articulação de Mulheres Brasileiras (AMB). E havia muita influência desse campo que afirmava não existir uma relação de poder, de que não há vítima. Toda aquela questão do lugar do agressor. E a gente se posicionava muito criticamente porque sempre foi da perspectiva das relações sociais e patriarcado. E a obra da Saffioti e, ela própria, contribuiu muito nesse processo. Os estudos de Saffioti sobre violência nos ajudaram a posicionar o próprio movimento, nesse momento em que a questão do patriarcado era muito questionada. Quando Saffioti passa do trabalho pra questão da violência, ela faz outras incursões dos elementos de dominação simbólica. Saffioti busca articular a dimensão material e a dimensão simbólica.

E terceiro é a ideia do *Nó*. O *Nó* de gênero, classe e raça foi uma contribuição imprescindível de Saffioti para o feminismo e teoria feminista. A articulação de gênero, classe e raça a partir da formação social brasileira, é um diferencial de Saffioti. Muito antes de se falar em pós-colonialidade, Saffioti já estava pensando a partir da nossa própria formação social. Acho que ela já estava ali, dentro das diferenças Norte e Sul.

O diálogo que nós mantivemos com Saffioti foi muito importante para esses enfrentamentos no campo da violência, bem como do reposicionando do próprio movimento nas questões do trabalho, que para nós do *SOS Corpo*, é uma batalha da vida. A compreensão do trabalho como dimensão estruturante da desigualdade, do patriarcado, capitalismo e racismo, dentro do movimento feminista, foi alimentada pela colaboração da Saffioti. Portanto, creio que essas três dimensões foram bem importantes nos processo histórico de diálogo com Saffioti.

Nós consideramos que o pensamento de Heleieth Saffioti, mesmo com uma obra tão vasta em contribuições, é pouco reivindicado e estudado. Como você observa esse apagamento?

Primeiro, no campo da teoria feminista, pelo *boom* de gênero e as recusas das teorias materialistas sobre o patriarcado. O patriarcado, de uma maneira geral, e

⁷ Nicole-Claude Mathieu foi uma antropóloga feminista francesa que, em 1991, publicou o livro *L'anatomie politique, catégorisations et idéologies du sexe*. No capítulo V do livro, intitulado “*Quand céder n'est pas consentir: Des déterminants matériels et psychiques de la conscience dominée des femmes et de quelques-unes de leurs interprétations en ethnologie*”, a autora apresenta as relações sociais de sexo (*rapports sociaux de sexe*) como caminho teórico para a abordagem da temática da violência contra as mulheres.

mais ainda nas perspectivas feministas ancoradas no materialismo. Saffioti está no materialismo falando das relações sociais, do Nó, então tem uma recusa do campo da teoria feminista. E essa recusa vem por meio do ataque. E uma das principais formas de ataque é o apagamento. E, talvez, seja a pior delas, que é a recusa do próprio debate, do reconhecimento de uma produção teórica.

E, no campo da teoria crítica marxista, Saffioti também é apagada porque não se reconhece o patriarcado e o pensamento feminista. Saffioti resiste como sendo a materialista no campo feminista, trazendo o patriarcado, o racismo, a formação social.

A força de resistência dela é sustentada no vínculo com o movimento feminista, mas não com todos os setores do movimento, e sim, com o setor mais crítico e combativo. Então, eu acho que ela foi uma pensadora e militante que resistiu muito, porque enfrentou muitos ataques de apagamento, de questionamento, de não reconhecimento. Tanto que, na década de 2000, Saffioti tem muita produção de artigos, mas não sei se tem livro publicado dela nesse período. O livro que ela publicou *Gênero, patriarcado e violência*, de 2004, não é publicado nem pela academia, nem por editora feminista. É verdade que as editoras feministas estavam muito mal das pernas naquele momento, mas é a Fundação Perseu Abramo que publica. Isso é importante para termos algumas dimensões da correlação de forças. O que naquele momento era isolamento, hoje a gente vê como um apagamento.

Eu acredito que a gente tem uma dificuldade muito grande na universidade de reconhecer o pensamento social feminista brasileiro, porque Saffioti é uma pensadora social brasileira. Eu lembro que quando saiu a ontologia do pensamento social, pela editora Boitempo, a gente sentiu a ausência de Saffioti. Mas tem isso na academia, um problema de colonialidade dentro do nosso próprio pensamento e que reverbera na vida de Saffioti.

E do ponto de vista do movimento feminista, temos dificuldade de defender nossas pensadoras. No nosso coletivo aqui, o *SOS Corpo*, há essa resistência, tanto na forma de publicação⁸ quanto na realização de seminários. Eu acredito que até na dimensão pessoal Saffioti também foi atacada, porque ela é uma das pessoas mais singulares que já conheci. Saffioti tinha uma postura muito firme nos debates, em alguns momentos ela foi atacada pela posição firme que ela tinha. A gente tem dificuldade com o confronto, mas, para Saffioti, o confronto era a graça da coisa. Ela resistia também à forma mais polida de fazer debate político e teórico.

⁸ Na página *on line* do *SOS Corpo* encontram-se disponíveis revistas e livros na perspectiva do feminismo materialista e popular. A revista organizada pelo instituto, *Cadernos da Crítica Feminista*, foi responsável pela publicação de textos importantes de Heleieth Saffioti. Todas as edições da revista estão disponíveis para acesso no endereço: <http://soscorpo.org/baixe-os-cadernos-de-critica-feminista/>

Gostaríamos de continuar conversando sobre Saffioti como uma interprete do Brasil. De que maneira o conceito de patriarcado situado na periferia ajuda a pensar diversos contextos? Como pensar a contribuição de Saffioti para o campo da sociologia do nordeste?

A primeira contribuição de Saffioti é, ao mesmo tempo, ontológica e epistemológica. Digo isso porque, é importante pensar que o patriarcado é um sistema universal, mas ele se particulariza em momentos históricos e contextos. Então, acho que dá para pensar em particularidade das relações do patriarcado, capitalismo e racismo na região Nordeste, mas sem separá-la dessa formação nacional. Pensar nos elementos que marcam a região Nordeste, como a região subordinada dentro de um capitalismo periférico. Nesse sentido a gente tem uma contribuição muito importante da Saffioti já na obra *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Todo o preâmbulo que ela faz pra pensar a exploração da mulher no capitalismo periférico ajuda a gente a fazer esse mesmo exercício.

É importante saber que não dá para pensar que o Nordeste tem mais patriarcado, porque tem certo atraso cultural ou econômico. O que Saffioti mostra é que o patriarcado vai se perpetuando em diferentes contextos e se particularizando, seja no capitalismo mais avançado, ou no capitalismo periférico. E pensar essa particularidade é importante, mas sem apartá-la.

É um exercício interessante a articulação de Chico Oliveira e Saffioti. Chico Oliveira é, pra mim, quem mais pensa o Nordeste a partir dessa particularidade sem perder de vista a totalidade do processo.

Você comentou sobre a importância da teoria do *Nó*, especialmente no campo da formação feminista. Sobre esse tema, gostaríamos de saber de que maneira esta teoria, na perspectiva de Saffioti, contribui para o paradigma das relações sociais imbricadas.

A ideia de *Nó* é uma questão que está presente na obra de Saffioti desde o final dos anos 90. Ela começa articulando gênero e classe social, acompanhando o debate das materialistas francófonas⁹. E, depois, com essa ideia de *Nó*, porque ela foi pioneira nessa elaboração [articulada] que hoje virou o debate corrente com a interseccionalidade.

⁹ O *Dicionário Crítico do Feminismo* (2009) oferece uma síntese dos grandes temas do feminismo materialista.

A elaboração de Saffioti, na minha visão, é muito mais próxima da ideia de consubstancialidade da Daniele Kergoat¹⁰, que está pensando as relações sociais que se imbricam. Saffioti avança porque pensa a partir de uma determinada particularidade, que é a formação social brasileira. Isso é o que demarca Saffioti, já que ela pensa sempre a partir da nossa formação social. Saffioti está pensando a dimensão sistêmica do *Nó* e das relações sociais, e, por isso, afasta-se da noção de interseccionalidade como cruzamento de situações e aproxima-se da perspectiva de Kergoat.

O *Nó* começa com esse elemento da particularização da nossa formação, e ainda, apresenta outra dimensão, que é essa articulação entre o material e simbólico. Especialmente quando Saffioti transita dos estudos de trabalho para os estudos de violência, sente que precisa buscar algo da subjetividade, do simbólico, mas sem perder o pé na materialidade que permanece sendo afirmado como fundamental para teoria feminista.

Aqui no *SOS Corpo*, na nossa prática educativa, e também, na prática de pesquisa todas as nossas elaborações estão ancoradas nessas perspectivas. E, ao mesmo tempo, a gente busca difundir e disputar, já que estamos disputando uma leitura ancorada na perceptiva do *Nó* como compreensão das articulações e construção das lutas. A partir dessa compreensão o *Nó* se constrói na luta e a luta é o processo concreto no qual a articulação se materializa.

Referências

- FERREIRA, Veronica. *Apropriação do tempo de trabalho das mulheres nas políticas de saúde e reprodução social: uma análise de suas tendências*. Tese (Doutorado em Serviço Social). Universidade Federal de Pernambuco, 2017. Disponível em <https://www.ufpe.br/documents/40086/1906110/TESE+-+Ver%C3%B4nica+Maria+Ferreira.pdf/dc08b4a2-9b55-4241-91a1-e8d1a6b4f159>. Acesso em 12 Ago. 2019.
- HIRATA, Helena et al. (orgs). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 86, 2010.

¹⁰ Daniele Kergoat é uma socióloga francesa feminista materialista, que desde os anos de 1970 realiza pesquisas no campo da sociologia do trabalho e do sexo/gênero. Os resultados de suas pesquisas têm alimentado as elaborações de vários conceitos, especialmente “relações sociais de sexo”, “divisão sexual do trabalho”, “consubstancialidade” e “coextensividade”. Para mais informações, ver Kergoat (2010).

MATHIEU, Nicole-Claude. *L'anatomie politique: catégorisations et idéologies du sexe*. Paris: Côté-femmes, 1991.

SAFFIOTI, Heleieth. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINNI, Cristina (orgs). *Uma questão de gênero*. São Paulo: Rosa dos Tentos Editora; Fundação Carlos Chagas, 1992.

_____. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Expressão popular; Perseu Abramo, 2015.

_____. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.